

O FATOR ESPIRITUAL

Antonio Carlos Villaça

Estou muito triste com Sérgio Buarque de Holanda. E, aqui deixo a notícia de minha tristeza. Não compreendo sua atitude. Acho-a extremamente antiobjetiva. Sérgio Buarque de Holanda — honra lhe seja! — é um dos melhores conhecedores da era colonial no Brasil. Sua antologia dos poetas coloniais só mereceu louvores. Entre os livros, que nos promete, há um chamado A Era Colonial. Sua especialidade é o Brasil-Colônia, as Raízes do Brasil. Todos os seus livros (Caminhos e Fronteiras, Visão do Paraíso, sobre os motivos edênicos na descoberta do Brasil, Monções) nos reconstituem a vida colonial. Como explicar a atitude agora?

A Difusão Européia do Livro nos oferece um grosso volume — A Época Colonial, primeiro volume de uma História Geral da Civilização Brasileira, sob a direção de Sérgio Buarque de Holanda. Pois o capítulo dedicado à ação missionária e pedagógica da Igreja contém, apenas, seis páginas. Não deliro, nem sonho. Infelizmente. Ai está o livro. Num conjunto de trezentas e oitenta páginas, só meia-dúzia se refere à obra missionária e educativa dos Jesuítas e outros religiosos. No entanto, o volume diz respeito à fase que vai do descobrimento à expansão territorial: a fase mais fundamentalmente marcada pelo missionário Jesuíta.

A que atribuir esse desequilíbrio? Um livro de trezentas e oitenta páginas e, apenas, um capítulo de seis páginas sobre a epopéia missionária... Será que voltamos aos preconceitos de um Oliveira Martins — contra os Jesuítas?

* * *

Nem oito, nem oitenta. O Padre Serafim Leite guarda, em sua História da Companhia de Jesus no Brasil, monumental e minuciosa, documentadíssima e proba, um ar apologético, que seria dispensável. O que levou Jaime Cortesão a prometer uma História mais objetiva — que, talvez, de fato, viesse a padecer do mal oposto, da antipatia, ou da hipercritica. O Padre Luís Gonzaga Cabral, também português, conserva em seu Os Jesuítas no Brasil, um tom de apologia, que me parece enfadonho e algo ingênuo, o mesmo tom de O Catolicismo no Brasil, do Padre Júlio Maria, mais orador veemente do que historiador imparcial. Mas reduzir, sem mais explicações ou promessas de reexame, a seis páginas toda uma História — de catequese, difusão cultural, em que estavam empenhados homens do porte de um Nóbrega, de um Anchieta, de um Vieira?

Parece-me forte demais, essa redução. Deus me livre de cair no tom apologético, dos panegiristas apressados. Quero conservar os olhos abertos, quero criticar os aspectos negativos da obra missionária. Mas houve aspectos positivos, e analisar tudo em seis páginas é imprudência (pelo menos). Logo se percebe que se trata de uma equipe contrária à Igreja, ou ao fator espiritual. Estranho, porém, que um historiador, como Sérgio Buarque de Holanda, esteja ligado a essa aventura.

O missionário foi um fator de organização nacional. O próprio Gilberto Freire reconhece, com Eduardo Prado e com Joaquim Nabuco, que o jesuíta desempenhou um papel capital na constituição do Brasil, na formação histórica. Daqui, pergunto a Sérgio Buarque de Holanda: como permitir que tudo isso coubesse em apenas seis páginas?